

A lepra em Fortaleza através das páginas do jornal O Nordeste na década de 1920.

Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro¹.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo abordar os discursos do jornal O Nordeste, periódico cearense fundado em 1922, acerca da *lepra*² e da necessidade de segregação dos portadores da doença em Fortaleza durante a década de 1920. A partir da análise das notícias publicadas pelo citado jornal, acerca do avanço do MAL na cidade, é possível comprovar que O Nordeste noticiou com muita frequência um conjunto de informações a respeito da moléstia e, principalmente, cobrava das autoridades competentes a edificação de um leprosário para isolamento dos enfermos. Porém, examinando as notícias mais atentamente, verificamos que o intuito central na prática das denúncias frequentes da situação dos *leprosos*, consistia em “afastá-los da convivência com os sãos” a partir do isolamento compulsório, considerada a única medida profilática para o combate à doença naquele período.

Palavras-Chave: *Lepra*; Imprensa; Doença; O Nordeste.

Abstract: This article aims to address the speeches of the newspaper O Nordeste, Ceara journal founded in 1922, about *leprosy* and the need for segregation of people with the disease in Fortaleza during the 1920s. From the analysis of the news published by that newspaper, about the progress of EVIL in the city, it is possible to prove that O Nordeste reported very often a set of information about the disease and mainly charged the competent authorities to build a leper colony for isolation of the sick. However, examining the news more closely, we found that the central intention in the practice of the frequent complaints of the situation of the lepers, was to "distance them from contact with the sane" since the compulsory isolation, considered the only prophylactic measure to combat the disease in that period.

Keywords: *Leprosy*; Press; Disease; O Nordeste.

¹ Estudante de graduação do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará. O artigo em tela é parte da minha monografia de graduação, sob orientação da Prof.Dra.Zilda Maria Menezes Lima.

² A *lepra* hoje é nomeada de Hanseníase. Optamos por usar o termo *lepra* para não criar anacronismos. Mas, sempre que usarmos o termo *lepra*, estará em itálico para estabelecer que conhecemos o uso da nova terminologia.

A cidade de Fortaleza, durante a década de 1920, estava sendo palco de um processo de modernização:

Em Fortaleza, capital do Ceará, assistiu-se também, a partir mesmo da segunda metade do século XIX e com maior intensidade durante a Primeira República (1889-1930), a semelhantes tentativas de *regeneração urbana*. Problematizando a existência, na cidade, de faltas, desvios e perigos naturais e sociais que comprometiam uma apregoada necessidade de torná-la um centro desenvolvido e civilizado, um movimento considerável de discurso e práticas emergiu e procurou – sobretudo através de estratégicas medidas embelezadoras, saneadoras e higienistas – ordenar seu espaço e disciplinar sua população³.

Podemos perceber que as tentativas de transformar a cidade de Fortaleza em modelo de modernização e civilização, estavam presentes em diversos setores da sociedade cearense, e como premissas para tais avanços, era fundamental impor ordem e disciplina. É dentro desse cenário que surge um novo jornal, batizado de O Nordeste. Fundado em 29 de junho de 1922, pela Arquidiocese de Fortaleza, mas precisamente pelo arcebispo Dom Manoel da Silva Gomes, eram perceptíveis, nesse “noticioso diário”, as preocupações com o progresso, a civilidade e a higiene.

Segundo Tânia Furtado, porém, o jornal sempre teve seus ideais muito ligados aos da Igreja Católica:

Durante quarenta e cinco anos (tempo de existência do periódico), a Igreja Católica no Ceará pôde contar com aliado de peso: o jornal O Nordeste. O fato de ele não ser reconhecido como órgão oficial da Arquidiocese de Fortaleza não implica numa menor ligação com o clero local. Os padres eram grandes propagandistas do periódico, que, por sua vez, assumiu o papel de propagador da doutrina católica. As primeiras campanhas encetadas pelo órgão, notadamente aquela em defesa da moralidade pública, evidenciaram a concordância da sua linha editorial com os postulados religiosos⁴.

³ PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza Belle Epoque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. p.17.

⁴ FURTADO, Tânia Cristina Tavares de Andrade. O Nordeste: trajetória de um jornal católico. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Monografia de graduação, 1990. p.76.

O jornal O Nordeste, realmente, reproduzia os interesses da Igreja Católica, tanto que a direção do órgão foi entregue aos intelectuais católicos⁵. Durante suas décadas de funcionamento, o jornal encetou muitas campanhas de caráter caritativo, de denúncia e de preservação da moral na cidade, bem como de cobranças acerca da necessidade de higienização da cidade. Nesse sentido, uma temática recorrente no jornal e que terá destaque nesse artigo, é o caso do imenso espaço dedicado aos casos de *lepra* na capital cearense.

Mas que doença era essa que merecia tanto destaque no periódico O Nordeste?

A *lepra* é uma doença, que, se não cuidada, causa uma série de alterações em todo corpo, como: insensibilidade das extremidades, afecções cutâneas, corrosão da cartilagem e comprometimento da voz⁶. Essa enfermidade, supostamente, teria origem em tempos muito antigos: “A *lepra*, hoje hanseníase, parece ser uma das doenças mais antigas que acometem o homem. Não parece haver notícias dessa enfermidade em período anterior aos sinais encontrados em esqueletos descobertos no Egito, datando do século II A.C.”⁷.

Assim, desde tempos mais remotos, a *lepra* acometia os homens e com ela sempre trazia o pavor, devido ao aspecto que o doente apresentava e o medo do contágio:

De qualquer modo, a *lepra* – assim como qualquer outra doença contagiosa, letal e de difícil diagnóstico – foi sempre considerada “moléstia de povos estranhos de terras distantes” creditada a povos incultos, a raças inferiores que a transmitiam para povos civilizados. Em qualquer época ou nação, acarretou pavor e nenhuma sociedade adotou a enfermidade como autóctone⁸.

Esse pavor à *lepra* chegou a Fortaleza no final do século XIX⁹. O Barão de Studart, ainda em 1897, diagnosticou os primeiros 32 casos de *lepra* no Ceará. Em 1918, Dr. Carlos Ribeiro, Inspetor de Higiene, que acreditava que a doença havia chegado ao nosso estado através de trabalhadores braçais cearenses que migraram para o Amazonas, preocupou-se em

⁵ FURTADO, Tânia Cristina Tavares de Andrade. Op. Cit. p. 14.

⁶ BENIAC. França. O Medo da Lepra. In: LE GOFF, Jacques, As doenças têm História. Lisboa: Terramar, 1997. p. 127.

⁷ LIMA, Zilda Maria Menezes. O grande polvo de mil tentáculos: a lepra em Fortaleza (1920-1942). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, 2007. p.49.

⁸ Idem. p.52.

⁹ FERREIRA, Antonio Nelorracion Gonçalves. “Lazarópolis”: A lepra entre a piedade e o medo (Ceará, 1918-1935). Fortaleza: Universidade Federal Do Ceará, Dissertação de Mestrado, 2011. p.52-70.

estabelecer na cidade de Fortaleza um plano de combate à *lepra*, onde se tinha como principal medida o isolamento domiciliar para os “*leprosos abastados*”, reiterando que uma cidade civilizada não podia possuir “leprosos com suas chagas abertas em promiscuidade com os cidadãos saudáveis”¹⁰. Assim, “(...) tais setores médico-higienistas elevaram a questão da saúde pública á condição de instrumento central para a realização do processo civilizatório que se pretendia para Fortaleza”¹¹.

Portanto, as doenças passaram a serem vistas como problemas para o andamento desse processo civilizatório. E foi justamente nesse contexto que a *lepra* surgiu nas páginas dos noticiários cearenses. Seus primeiros registros na imprensa local foram na década de 20, principalmente a partir de 1922, no periódico O Nordeste¹².

O jornal O Nordeste, repetimos, dispensou um considerável espaço em suas páginas para discorrer a respeito dessa doença, cobrando do governo mais atenção à enfermidade, esclarecendo a população acerca da profilaxia e tratamento, bem como realizando o acompanhamento do aumento dos números de casos no Estado.

Assim, percebemos através das páginas de O Nordeste um bom número de notícias que variavam entre: esclarecimento da população acerca da doença e a necessidade de combatê-la, isolando os doentes. As notícias, artigos e campanhas de combate à enfermidade são frequentes, principalmente, no período compreendido entre 1922 e 1930, que é quando as ações governamentais ainda estão muito tímidas.

Inicialmente, são essenciais algumas informações sobre o jornal em questão. O Nordeste tinha em sua administração Idelfonso de Araújo, proprietário de uma livraria católica. Os redatores eram Manoel Antonio de Andrade Furtado (redator-chefe), e José Martins Rodrigues (redator-secretário). Os jornalistas “auxiliadores” eram Raimundo Menezes, Luís Sucupira e Vasco Furtado. Todos esses *homens de letras* citados eram oriundos do jornal O Correio do Ceará, um jornal inicialmente, também católico, que com o passar do tempo foi adquirindo um caráter mais político. Assim, a Igreja Católica, resolveu criar um novo jornal com o fim de retomar os debates e os ideais católicos e trouxe, para administrá-lo, os intelectuais católicos que se sentiam deslocados no Correio do Ceará¹³.

¹⁰ Fala do Dr. Carlos Ribeiro. Anais do I Congresso Brasileiro de Dermatologia e Sifilografia, Rio de Janeiro, 1918. Arquivo Pessoal da Prof. Dra. Zilda Maria Menezes Lima.

¹¹ PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit. p.19.

¹² LIMA, Zilda Maria Menezes. Op. Cit. p.75.

¹³ FURTADO, Tânia Cristina Tavares de Andrade. Op. Cit. p. 11.

A ligação do periódico com ideais católicos são claros como informa o editorial abaixo, escrito pelo Padre Tabosa:

Eis no scenario da existência de <O Nordeste>, anciosamente esperado por centenas de amigos do progresso e do bem. Representa elle uma justissima aspiração do clero e dos catholicos do Ceará. (...) A nossa terra não necessita mais de jornaes politicos, precisa de um orgão de leitura desapaixonada e sadia que oriente com intelligencia e patriotismo o povo no cumprimento dos seus sagrados deveres para com Deus e para com seus semelhantes. (...) O jornal precisa ensinar ao povo a consciencia dos seus deveres, precisa clamar contra os escandalos da sociedade, que se degrada, contra a arbitrariedade dos que mandam e contra a revolta dos que devem obedecer. (...) <O Nordeste> será um paladino forte da fé, um elemento de ordem em todas as circumstancias e uma vigilante garantia do principiio da autoridade. <O Nordeste>, será em todas as epochas, um destemido soldado da patria, um amigo devotado da familia, um servo fiel dos que padecem, e com a graça de Deus, um fervoroso apostolo da Religião.¹⁴

O que a administração do jornal esclarece é que era sua obrigação zelar pela ordem e moral na cidade de Fortaleza e também cuidar daqueles que padecem. Com relação ao trato com a *lepra* e com os *leprosos* não é diferente, nas matérias e artigos, o jornal demonstrava preocupação e cuidado com a situação dos *leprosos* e também com a população sadia diante do cenário da cidade ameaçado pela doença. Essa posição do jornal é fácil de ser compreendida, uma vez que cuidar dos *leprosos*, era obrigação de ordens religiosas desde a Idade Média. Sendo assim, o jornal por ser de conotação católica tomou esse discurso para si.

Uma notícia vinculada no jornal acerca da *endemia leprótica* cujo título era: “*A urgencia do combate á lepra*” representa com bastante clareza a maneira como o jornal abordava o avanço da doença na cidade:

A hygiene publica comprehendida nesta denominação a do Estado e a comissão sanitária federal, se estão descurando das necessarias providencias contra o desenvolvimento da lepra. (...) De qualquer modo, o que é evidente é que a hygiene collectiva exige nesse sentido maior cuidado e dedicação dos poderes públicos¹⁵.

¹⁴ Realidade Consoladora. *O Nordeste*. Fortaleza: 07 de julho de 1922, p.1.

¹⁵ A urgencia do combate á lepra. Jornal *O Nordeste*. Fortaleza: 06 de julho de 1922, p.1.

Podemos perceber que o periódico começa a cobrar das autoridades uma maior atenção no trato com a *lepra* e ainda sugere que o desenvolvimento da enfermidade já é um problema na cidade de Fortaleza. Na mesma notícia, ainda é apresentado o medo que a doença causava e também o quanto a liberdade dos doentes, ao andar pela cidade, era vista como algo perigoso:

Porque, na verdade, a *morphéa* vai tomando vulto, sem que se tome qualquer iniciativa para evitar lhe o desenvolvimento constante pelo descuido das autoridades sanitárias. Não é admissível que Fortaleza continue a ser diariamente perlustrada por *leprosos*, que andam por toda a parte: pelas ruas, mercados, cafés, avenidas, pelos pontos mais centraes emfim, propagando o germem de seu terrível mal¹⁶.

A forma como o jornal descreve a liberdade com a qual os *leprosos* circulavam pela cidade, mostra que eles não eram bem-vindos nos principais logradouros de Fortaleza, ou seja, onde a população sadia frequentava. Isso fica ainda mais claro quando a matéria é concluída com a colocação da ideia de que, para evitar a propagação da doença, a primeira atitude a se tomar seria “(...) a organização de um lazareto, em ponto afastado, onde sejam recolhidos os *morpheticos* da cidade, cuja existência não é crível que a hygiene publica desconheça¹⁷.”

Assim, é possível perceber que a ideia do isolamento do doente já era algo bem presente em 1922, devido o medo do contágio. Essa ideia estava tão viva que o jornal ainda afirma, através de uma nota anexada após a matéria, que: “(...) a Camara Municipal de Fortaleza, ao instituir o imposto de 6 % sobre cinemas e outras diversões, reservou, do total da referida quota, 8% para a criação de um leprosário nesta cidade”¹⁸.

A partir disso, é perceptível uma tímida ação por parte das autoridades governamentais para tentar realizar a construção de um leprosário como forma de combate a enfermidade. Vale lembrar que esse leprosário só foi construído em 1928 e com grande parte da renda investida oriunda de doações.

As opiniões que o jornal possuía acerca da doença eram claras: uma doença perigosa, contagiosa e que necessitava de local apropriado para seus portadores. Essa opinião, com o

¹⁶ A urgencia do combate á lepra. *O Nordeste*. Fortaleza, 06 de julho de 1922, p.1.

¹⁷ A urgencia do combate á lepra. *O Nordeste*. Fortaleza, 06 de julho de 1922, p.1.

¹⁸ A urgencia do combate á lepra. *O Nordeste*. Fortaleza, 06 de julho de 1922, p.1.

tempo, vai se firmando e o jornal vai cobrando cada vez mais a atenção das autoridades sanitárias e também realizando campanhas a fim de arrecadar fundos para o trato com a *lepra*.

Mas as autoridades, em 1922, não davam nenhum tipo de atenção à situação da *lepra* em Fortaleza?

Segundo Zilda Lima¹⁹, em 1920, através do Regulamento Sanitário Federal, foi criada a *Inspetoria da Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas*, a IPLDV. Esse órgão era subordinado ao DNSP (Diretoria Nacional de Saúde Pública), e tinha como função coordenar o combate a essas doenças em todo país.

No Ceará, a IPLDV, em agosto de 1921 inaugurou o *Serviço de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas* (SPLDV). Porém, a *lepra* não recebeu muito atenção do referido órgão, já que o número de portadores de doenças venéreas (em especial, a sífilis) era considerado alarmante no estado. Sendo assim, poucas atividades de real combate a doença foram realizadas no Ceará. O Nordeste expõe uma dessas tímidas ações em 1924, que foi a realização do censo dos *leprosos*. O Censo apontou o total de 347 enfermos no Estado. O jornal afirmava que: “Por esses dados, vê-se a extensão que vem tomando esse terrível mal, no Ceará, principalmente nesta capital, exigindo medidas urgentes por parte dos poderes públicos”²⁰.

Em 1922, foi inaugurado o Dispensário Oswaldo Cruz, a primeira instituição a olhar, ainda que timidamente, para o caso da *lepra* no Ceará, porém, devido aos altos índices de sífilis, o dispensário também acabou concentrando-se no combate às doenças venéreas. As poucas ações realizadas pelas instituições sanitárias não foram suficientes para mudar a situação dos *leprosos*, andando livremente pela cidade, que o jornal fazia questão de denunciar.

Em uma notícia de setembro de 1922, o jornal cobra claramente atitudes do governo, exigindo que as autoridades se expliquem:

Esperámos, com a nota de dias atrás, que as autoridades sanitárias, os responsáveis pela saúde pública, viessem lavar a sua testada, especificar as medidas que têm tomado contra o mal de Lázaro, ou explicar a sua inacção, se nada, realmente, têm feito, como parece mais certo. Nada, porém, conseguimos. (...) Mas nós estamos aqui, com procuração do povo, para lhes tomar essas contas...²¹.

¹⁹ LIMA, Zilda Maria Menezes. Op.Cit. p. 47 e 78.

²⁰ O mal de Lázaro. *O Nordeste*. Fortaleza: 27 de novembro de 1924, p.3.

²¹ Ainda a morphéa. *O Nordeste*. Fortaleza: 26 de setembro de 1922, p.1.

O que fica bem claro nessas linhas é que o jornal fazia duas ordens de cobrança: uma, das autoridades competentes do governo por não ter procurado, de forma alguma, se explicar com relação ao que está, ou não, sendo feito para evitar o avanço da enfermidade e outra, explícita como o jornal se colocava na posição de defensor do povo cearense, como a voz do povo. Ainda é falado novamente nessa matéria do “perigo” da circulação dos *leprosos* pela cidade e da “necessidade” de isolamento:

O mal de Lazaro cada dia se alastra mais. Nesta capital, percorrendo os pontos mais centraes, residindo nas ruas mais habitadas, vendendo fructas, legumes e taboleiros, penetrando nas moradias particulares e nas repartições publicas, (...) morpheticos em estado grave, que se põem em contacto perigoso com a população sã. Nenhuma medida de isolamento, porem. Nem isolamento hospitalar, collectivo, para os mais pobres; nem para os providos de meios de fortuna, o isolamento particular, no proprio domicilio, com a prescripção de rigorosas medidas de hygiene²².

Então, o que fica claro era que o isolamento era visto como a principal forma de conter o avanço da enfermidade. Por enquanto, no jornal O Nordeste ainda não havia sido comentado nenhuma outra forma de profilaxia, a não ser um remédio de ervas, de origem paraense²³, que o seu criador afirmava ser a cura da *lepra*.

Outro ponto da notícia bastante interessante é quando o jornal apresenta que, em decorrência de outras doenças, a *lepra* não tem os cuidados merecidos: “Tanto quanto as moléstias venéreas e as endemias ruraes dos sertanejos, que a commissão sanitária federal está combatendo nos postos de prophylaxia do interior, a morphéa lhe devia merecer os mais sérios cuidados.”²⁴.

No ano de 1923 o jornal O Nordeste continua a agir de forma cada vez mais incisiva no que diz respeito à doença, principalmente na segunda metade do referido ano. No dia 29 de agosto de 1923 foi iniciada a publicação de um artigo do Dr. Anselmo Nogueira, que foi publicado em três partes, que tinha como principal temática apresentar a situação da *lepra* em Fortaleza:

A medida, a se tomar sobre a defesa da lepra é mais de caracter geral, visto ser do governo federal obrigação rigorosa cuidar com o maximo empenho de problema tão vital para o bem estar da collectividade e do bom renome do Brasil, que infelizmente

²² Ainda a morphéa. *O Nordeste*. Fortaleza: 26 de setembro de 1922, p.1.

²³ A cura da morphéa. *O Nordeste*. Fortaleza: 20 de julho de 1922, p.3.

²⁴ Ainda a morphéa. *O Nordeste*. Fortaleza: 26 de setembro de 1922, p.1.

já registra o considerável numero de uns 30 mil leprosos. Isso, porém, não que dizer que devamos só esperar pela acção do governo federal, tão omissos nessas cousas²⁵.

Nessa passagem do artigo é perceptível uma cobrança do jornal para com as autoridades federais que, na opinião do periódico, era uma obrigação do Governo Federal. Porém o mais interessante é perceber que, mesmo o jornal acreditando que é obrigação do Governo Federal cuidar da *lepra*, no artigo é afirmado pelo Dr. Anselmo Fraga e consequentemente pela redação do jornal que não se deve esperar somente por eles, que é necessário que fossem procuradas outras maneiras para combater a doença. Essa colocação mostra o quanto o jornal acredita que o problema da *lepra* é um problema de todos, inclusive do próprio periódico.

Em julho de 1924, o jornal aparece com uma denúncia acerca de um terreno que foi comprado pelo governo para construção de uma leprosaria, afirmando que ele não estava dentro das normas exigidas pelo Regulamento Federal de Saúde Pública, pois:

A sua figura geométrica assemelha-se a um rectangulo, cujos lados maiores, isto é, de Norte a Sul, medem pouco mais de *mil metros*, medindo *seiscentos* e poucos metros os seus lados menores, ou de Nascente a Poente. Sendo assim, uma operação rudimentar de arithmetica realiza, para o seu *perimetro*, um calculo de *meia-legua*, aproximadamente, e nunca uma *legua*, como falsamente se affirmou. Demais, tal extensão, assim delimitada, realiza uma *área 3 vezes menor* do que aquella exigida pelo Regulamento. Contiguos a esse terreno, delimitadas por cerca de madeira, há, por todos os lados, propriedades habitadas, cujas habitações estão situadas a menos de *duzentos metros*, portanto, dentro da area de construcões do 1º do regulamento. A distancia do referido terreno á Matriz de Porangaba é de mil e quinhentos metros²⁶.

Podemos perceber que a ideia do isolamento dos *leprosos* tomava vulto, a ponto de já se ter um terreno para construção da leprosaria. Outro ponto que chama atenção é que não era suficiente afastá-los do convívio direto com as pessoas sadias, esse isolamento deveria ser longe dos grandes centros para evitar o “perigo” de contágio, era como se os doentes fossem uma ameaça, que mesmo isolados dentro de uma instituição, sem sair para nada, poderiam

²⁵ O problema da lepra. *O Nordeste*. Fortaleza: 29 de agosto de 1923, p.1.

²⁶ Sobre o <Sobre o leprosário>. *O Nordeste*. Fortaleza: 23 de julho de 1924, p.1.

transmitir seu mal as outras pessoas. Daí a necessidade de um espaço completamente afastado da população sadia.

A ideia da necessidade do isolamento vai tomando forma e ganhando cada vez mais espaço na sociedade cearense. Durante seis anos, em média, o jornal continua a denunciar, exigir e propor solução para o caso dos *leprosos*. Essa solução sempre era voltada para o isolamento.

Em 1927, já noticia a existência de um novo terreno para a construção do leprosário, terreno esse ocioso até então, no Distrito da Canafístula²⁷. A verba para as primeiras edificações foram oriundas de uma doação do Coronel Antonio Diogo²⁸. As construções já teriam sido iniciadas e o jornal relata essa ação como uma vitória sua, bem como de todos que contribuíram, das mais variadas formas para construção do leprosário cearense. Vejamos abaixo:

Será um grande triumpho para nós todos. Quanta satisfação não experimentará o Coronel Diogo em ver realizado o seu grande desejo, assim como os jovens academicos de Direito que se bateram com denodo extraordinário pela causa sagrada e a distintas senhorinhas que saíram pelas ruas da nossa capital vendendo flores aos transeuntes para tão piedoso fim e o comercio, a <Phenix Caixeiral>, os operarios e todas as classes que trabalharam e deram os seus obulos caridosos! O Ceará é pobre de dinheiro, mas é rico de bôa vontade²⁹.

É claro que o jornal tenta mostrar a imagem dessas pessoas que ajudaram na construção do leprosário como caridosos e de bom coração, reforçando que eles estavam participando de uma causa nobre. Mas essa causa era nobre para quem? Será que os doentes queriam a construção do leprosário? E essas pessoas que ajudaram, tinham alguma intenção? Acredito que quem mais ganhava com a construção da leprosaria, era a população sadia, que se via livre dos doentes nas cidades. O jornal, sempre com esse belo discurso, acabava relatando o isolamento como a melhor solução para os *leprosos*. Seria mesmo melhor para eles?

Através dessas notícias, é possível perceber o quanto o jornal O Nordeste era, acima de tudo, defensor do isolamento dos doentes. Em suas notícias sempre estavam presentes a

²⁷ Antonio Diogo era um prospero comerciante da cidade de Fortaleza e muito conhecido por suas práticas beneméritas.

²⁸ O Distrito da Canafístula situa-se acerca de oito quilômetros da cidade de Redenção/ Ceará.

²⁹ Reunião da comissão pró-Leprossario. *O Nordeste*. Edição da manhã. Fortaleza: 23 de julho de 1927, p.4.

segregação do doente como a única ou a melhor solução. O Nordeste criticava a falta de ações governamentais no trato com a doença constantemente e acabou tomando para si a causa dos *leprosos*, realizando campanhas para arrecadar fundos, motivando os fieis da Igreja Católica a fazerem doações para os doentes, e, principalmente, noticiando sobre os mais diversos aspectos da doença, mas acima de tudo, preconizando a premente necessidade do isolamento dos *leprosos*.

Sendo assim, o jornal O Nordeste teve papel fundamental para a aceitação, no Ceará, da política de isolamento dos doentes em local específico, longe dos núcleos populacionais. Se naquele momento, a única medida profilática era a segregação compulsória – única medida apontada para supostamente combater a doença - podemos afirmar que entre nós, a aceitação da segregação (medida de difícil aceitação em muitos estados) parece não ter sido muito traumática.

Acreditamos que o discurso disseminado pelo jornal acerca da necessidade imperiosa do isolamento, tenha contribuído de sobremaneira, para que a ideia da construção do leprosário fosse ganhando força. Afinal, O Nordeste era um dos poucos periódicos editados em Fortaleza, que chegava a muitas cidades do interior do Ceará. Por outro lado, o discurso carregado de “caridade” e de “pesar” pela sorte dos *leprosos* abandonados, era mais facilmente palatável para aqueles que queriam e acreditavam na segregação, que as medidas autoritárias de isolamento pela força utilizada nos estados de São Paulo e Minas Gerais, por exemplo.

Fontes:

Jornal O Nordeste – anos de 1922, 1923, 1924, 1927, disponíveis no Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará.

Anais da I Conferência Brasileira de Dermatologia e Sifilografia (Rio de Janeiro/1918). – Arquivo Pessoal da Prof. Dra.Zilda Maria Menezes Lima.

Bibliografia:

AGUIAR, Antônio. A Cura da Morphéa. Rio de Janeiro: Tipografia Geral do Comércio. 1893.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. Barão de Studart: Memória da Distinção. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto no Ceará, 2002.

ANDRADE, Vera Lúcia. Características epidemiológicas da hanseníase em área urbana: município de São Gonçalo-Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ, 1996.

_____. A Evolução da Hanseníase no Brasil e Perspectivas para sua eliminação como um problema de Saúde Pública. Rio de Janeiro: ENSP-FIOCRUZ, 1996.

FEITOSA, Adília Maria Machado. A institucionalização da hanseníase no Ceará: do leprosário de Canafístula ao Centro de Convivência Antônio Diogo. Fortaleza: UECE, 2008. Dissertação de Mestrado.

FERREIRA, Antonio Nelorracion Gonçalves. “Lazaropolis”: A lepra entre a piedade e o medo (Ceará, 1918-1935). Fortaleza: Universidade Federal Do Ceará, Dissertação de Mestrado, 2011.

FURTADO, Tânia Cristina Tavares de Andrade. O Nordeste: trajetória de um jornal católico. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Monografia de graduação, 1990.

LIMA, Zilda Maria Menezes. Uma enfermidade à flor da pele: a lepra em Fortaleza (1920-1937). Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

_____. A alma do lázaro: José de Alencar/ Zilda Maria Menezes Lima. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

_____. Políticas de saúde pública para o tratamento da lepra em Fortaleza (1930/1934). In: O público e o privado. Fortaleza: UECE, 2003- Semestral. Conteúdo: ano 7, n. 13, Janeiro/ Junho, 2009.

_____. O grande polvo de mil tentáculos: a lepra em Fortaleza (1920-1942). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, 2007.

_____. Irmãs de Sina: história e memória de filhas de hansenianos no Preventório Eunice Weaver - Maranguape/Ce (1940-1960). In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MARQUES, Vera Regina Beltrão; (Orgs.). Hanseníase: a voz dos que sofreram isolamento compulsório. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

LE GOFF, Jacques. As Doenças têm História. Lisboa: Terramar, 1997.

LUCA, Tania Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MACIEL, Laurinda Rosa. Em proveito dos sãos perde o lázaro: Uma História das Políticas Públicas de Combate à Lepra (1941-1962). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado, 2006.

MATTOS, Débora Michels e FORNAZARIO, Sandro Kobol. A lepra no Brasil: Representações e práticas de poder. In: Caderno de Ética e Filosofia Política 6, 1/2005 p 45-57.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. As pestes do século XX: tuberculose e aids no Brasil, uma história comparada. Rio de Janeiro; 2005.

_____ ; CARVALHO, Diana Maul de; (Orgs). Uma História Brasileira das Doenças. Brasília: Paralelo, 2004.

_____ ; MARQUES, Vera Regina Beltrão; (Orgs.). Hanseníase: a voz dos que sofreram isolamento compulsório. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

SONTAG, Susan. Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOURNIA, Jean-Charles. O homem e a doença. In: LE GOFF, Jacques, As doenças têm História. Lisboa: Terramar, 1997.

TRONCA, Ítalo. As Máscaras do Medo: lepra e aids. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.